

A CULTURA RACIONAL E A CIRCULARIDADE CULTURAL.

NEUMANN, Ricardo (UFSC)

Com um número estimado de, mais ou menos, 15.000 adeptos¹, a Cultura Racional é um “movimento cultural” que tem como pretensão “elucidar” as pessoas sobre o princípio, o fim e a natureza da humanidade. Esse esclarecimento das “verdades”, que apaziguaria os seres humanos, viria por meio da leitura e através da disseminação da Obra, Universo em Desencanto².

A Cultura Racional foi criada em 1935, por Manoel Jacintho Coelho, nessa época um médium de Umbanda. Esse movimento é alicerçado única e exclusivamente na obra de Manoel, os livros, Universo em Desencanto (atualmente produzidos por sua filha Atna Jacintho Coelho). Essa organização sempre apresentou-se sem uma conotação religiosa. Seus discursos a colocam como uma mensagem decisiva e conclusiva a respeito de todas as questões da existência. Assim é parte do discurso da Cultura Racional declinar-se acima de qualquer filosofia, doutrina, ou religião. No entendimento de seus adeptos os ensinamentos transmitidos por Manoel seriam uma “verdade absoluta”. Entretanto, uma análise crítica da Cultura Racional nos revela facilmente o forte caráter religioso dos discursos da mesma, bem como o porquê desse discurso tentar afastá-la do campo religioso³.

Contudo, o caráter religioso do discurso da Cultura Racional é evidente. Ao analisarmos seu discurso percebemos inúmeras características do discurso religioso. Com apoio nos estudos de Eni Orlandi⁴ sobre o discurso religioso, conseguimos obter

¹ Esses números são do próprio movimento. Esses dados são relativos. Isso, pois a exposição que a Cultura Racional tem na mídia através dos cd's de divulgação (gravados por Tim Maia quando participou do movimento), ou o enorme número de sites e livros (espalhados pelos sebos de todo o Brasil), fazem com que aumente consideravelmente o grau de participação desse movimento no imaginário de muitos brasileiros.

² Essa obra soma mais de mil volumes (21 da obra, mais 21 da réplica, 21 da trepilha e 943 livros do Histórico) e só foi terminada por Manoel Jacintho Coelho em 04 de Junho de 1988.

³ Vamos nos ater à noção de campo religioso, conforme aparece em Pierre Bourdieu. Ou seja, como um desigual sistema de forças (religiosas), dotadas de uma desigual acumulação de capital simbólico. Ou, nas palavras do mesmo “Equanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de *especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal”. Ver BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 39.

⁴ Ver ORLANDI, Eni P.. O discurso pedagógico: a circularidade e O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

diversas relações entre algumas características do discurso da Cultura Racional e os parâmetros que fazem de um discurso um discurso religioso. Alguns desses parâmetros são a assimetria de posições, o desnivelamento fundamental e a idéia de apaziguamento. A assimetria de posições advém do fato de que, a criação da Cultura Racional e das obras Universo em Desencanto, deram-se através do recebimento⁵, por parte de Manoel, de mensagens de uma entidade, o Racional Superior⁶. Nesse sentido Manoel é o representante dessa entidade falando e calando por ela. Desse modo podemos observar nessa relação outra característica do discurso religioso, o desnivelamento entre o locutor (Manoel representante do Racional Superior), que está no plano espiritual, e os ouvintes (os adeptos da Cultura Racional), que estão no plano temporal. Somando-se a essas características temos ainda a idéia do apaziguamento, que é a crença na garantia de que tudo ocorrerá bem na medida em que os ensinamentos de Manoel forem respeitados e seguidos. Assim para os adeptos da Cultura Racional tudo se resolverá com a leitura das obras Universo em Desencanto.

Mas o que faz um movimento colocar-se acima de uma religião, mesmo tendo a lógica de interlocução do discurso religioso? E ainda, o que fez esse movimento basear-se estritamente na leitura?

04 de outubro de 1935. Esse é o dia ao qual devemos retornar para respondermos a essas questões. No dia em que a Cultura Racional foi criada, Manoel encontrava-se em um centro de Umbanda, no qual era médium. E é a partir dessa relevante informação, a posição de Manoel como médium, que iremos destrinchar o processo de criação da Cultura Racional, bem como o porquê da peculiar articulação da mesma com o campo religioso. Isso, já que, durante a década de trinta houve uma intensificação na perseguição às religiões mediúnicas. Fundamentalmente as de origem afro, como o Candomblé e a Umbanda. As novas condições de urbanização dos grandes centros do sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) foram um fator preponderante nesse processo⁷. Já que as praticas rituais das religiões mediúnicas afro não se “adaptavam”, na visão das elites “civilizadas”, à nova ordem vigente decorrente do crescimento das cidades. Com isso, intensificou-se o trabalho dos

⁵ Ver BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica a Religião**. São Paulo: Paulinas, 1985. Pp. 186.

⁶ Entidade suprema da Cultura Racional (equivalente a Deus para os cristãos), que teria ditado seus ensinamentos sobre, de onde vem, o que são e para onde vão os seres humanos, a Manoel Jacintho Coelho.

⁷ Ver ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

chamados “intelectuais da Umbanda”⁸, que tentavam dotá-la de um reconhecimento social de seu capital simbólico⁹. Ortiz¹⁰, fala de um processo de “legitimação racional”, no qual esses intelectuais tentarão dotar a Umbanda de uma base doutrinária escriturística, a fim de separá-la do caráter ágrafo do Candomblé.

Juntando os retalhos podemos perceber que Manoel como médium de Umbanda estava nitidamente imbricado em todo aquele contexto da década de trinta. Contexto esse que nos explica o porquê da Cultura Racional ser alicerçada em uma escrituração e perseguir a leitura como “salvação”. Bem como sustenta a peculiar articulação da mesma ao campo religioso brasileiro, já que “embasa”, de certa forma, a criação de um movimento que parte do afastamento das religiões, especialmente as afro, como premissa de sua constituição.

A Cultura Racional está espalhada pelo Brasil com “filiais” na maioria das capitais e grandes cidades do país. Suas sedes são chamadas, e são, “livrarias” devido ao modo como funciona o movimento. Nessas os adeptos, que são chamados de “estudantes”, podem comprar ou emprestar os livros da obra Universo em Desencanto. A sede nacional do movimento fica em Nova Iguaçu, baixada fluminense. Entre a atual sede nacional e a primeira, que foi no Centro de Umbanda do Méier, no Rio de Janeiro capital, o movimento teve outras sedes nacionais. Sendo uma em Jacarepaguá, também no Rio de Janeiro capital, e a outra em Belford Roxo, também na baixada fluminense.

Como já vimos, a, extremamente, singular doutrina pregada por Manoel, advém de um contexto onde muitas influências permeavam o campo religioso, principalmente

⁸ Por intelectuais da Umbanda vamos entender aqueles umbandistas que em um determinado contexto (primeira metade do século XX) “desenvolveram todo um discurso denunciador de práticas “fetichistas e supersticiosas”, avessas [para os mesmos] ao progresso e a civilização”, então perseguidos pelos mesmos através de uma tentativa de codificação da Umbanda. Ver ISAIA, Artur C.. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999. Entre esses intelectuais da Umbanda podemos citar, Emanuel Zespo e Martha Justina.

⁹ Por capital simbólica entendemos, segundo Bourdieu, que “sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca lingüística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital lingüístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**; prefácio Sérgio Miceli. – São Paulo: Editora da Universidade federal de São Paulo, 1996, p. 53.

¹⁰ ORITZ, Op.cit.

o mediúnico¹¹. Nesse contexto circulavam desde as idéias dos próprios “Intelectuais da Umbanda”, da qual Manoel fazia parte, até as idéias Kardecistas e Evolucionistas. Assim a criação de Manoel pode ser entendida como uma apropriação¹² do mesmo a partir das possíveis leituras que tenha feito e das idéias que tenha ouvido. No entanto, nesse momento não estamos atrás do que Manoel apropriou-se especificamente, nem de como ele reinterpreto suas possíveis influências, mas sim, do que teria formado a sua subjetividade, quais seriam as influências, externas e internas, que dariam substrato ao modo original de interpretar de Manoel.

Chaves de Leitura

“Os três reinos: céu, terra e água, dependem de outros três: sol, lua e estrelas para formar as multiplicações dos seres, e desses seres, se conta mais um reino. Então, todos juntos, formam as sete partes do porque assim são”.¹³

Não, esse não é o discurso de um pobre indigente embriagado em alguma calçada. Muito menos de algum esquizofrênico em alguma instituição psiquiátrica tendo delírios religiosos. Esse discurso, que nos coloca diante de uma singular cosmogonia, é um pequeno trecho do primeiro volume da obra *Universo em Desencanto*. Ao observarmos a obra de Manoel é muitas vezes inevitável pensarmos, ao menos durante um fração de segundos, tratar-se de um diário de um louco. É difícil entender como um funcionário público, médium de Umbanda, de trinta e um anos, pode conceber tais discursos. Como alguém que não era um louco, ao menos se falando dos padrões pré-estabelecidos, forjou tal criação? Essa “explicação” para a nossa natureza, origem e destino, que passa por caminhos tão incomuns. E é aí que devemos nos lembrar que Manoel como médium de Umbanda, naquele contexto em que se encontrava, recebeu, além das “mensagens” do “Racional Superior”, inúmeras influências de “Intelectuais da Umbanda”, Kardecistas, Evolucionistas, enfim, de uma gama de produtores de sentido que rondavam o campo religioso da época. E que

¹¹ Reconhecemos, a partir de Bourdieu um campo mediúnico. Este é formado por várias denominações, que professam a crença na reencarnação e na comunicação entre os espíritos, dotadas de desiguais processos de acumulação simbólica (algumas são mais reconhecidas que outras). Embora não possamos articular totalmente a Cultura Racional ao campo mediúnico, vamos enfocá-la interagindo constantemente com este.

¹² Ver CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990.

¹³ COELHO, Manoel Jachinto. *Universo em Desencanto*. M. Jachinto Coelho Ed.- RJ, 1º vol., p.130.

tinham toda uma produção escriturística que se “encaixava” para os “novos parâmetros” do campo religioso mediúnico daquele contexto.

Não nos importa agora quais, mas é evidente que de algum modo, ou pela leitura, ou pela difusão das leituras, muitas das idéias que perpassavam o campo religioso, passaram e foram absorvidas por Manoel. Mas é aí que aparece uma lacuna. Lacuna essa para a qual pretendemos expor algumas hipóteses para respondê-las. Isso, pois não podemos aceitar como observamos em Ginzburg¹⁴, com o exemplo de Menocchio, que a criação de Manoel tenha se dado apenas através de seu contato com as produções dos produtores de sentido do campo religioso mediúnico. É obvio que fica impossível negarmos que muitas das idéias presentes no campo religioso mediúnico daquela época estão inscritas na produção de Manoel. Entretanto, e é o que queremos ressaltar, as idéias propagadas por Manoel são impossíveis de serem compreendidas única e exclusivamente a partir das possíveis leituras que ele tenha feito ou ouvido. Nesse sentido tentaremos elencar alguns fatos da vida de Manoel que podem ter lhe influenciado em suas prováveis leituras ou contato com as mesmas. Assim falaremos a respeito do que Ginzburg chama de “filtros”.¹⁵ Ou seja, a influência que Manoel trouxe de suas vivências e meios. O lado oral da cultura presente em Manoel, que pode ter feito ele interpretar suas influências do modo que as interpretou. Lado esse que, como nos mostra Ginzburg¹⁶, é parte ativa dos processos de criação culturais. Mostrando assim que as chamadas “classes subalternas” criam a sua própria cultura, não sendo meros reprodutores da cultura das chamadas “elites”.

Partindo dos estudos de Ginzburg vamos explorar as “chaves”¹⁷ de leitura de Manoel. Leituras essas que são conjeturas, pois no momento ainda não temos provas do que ele realmente leu. Apenas, como já afirmamos, sabemos através de outros estudos que muitas novas idéias pulsavam no interior do campo religioso. Assim buscaremos compreender o modo como Manoel lia algumas obras. Nesse sentido não estamos atrás das distorções entre as possíveis leituras de Manoel e sua escrituração. Estamos sim a procura das deformações do modo de Manoel observar suas influências. A originalidade de sua leitura, que derruba qualquer hipótese sobre um

¹⁴ Ver GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁵ GINZBURG, Op. Cit.

¹⁶ GINZBURG, Op. Cit., p. 200

¹⁷ GINZBURG, Op. Cit., p. 80

“sentido mecânico”¹⁸ das prováveis obras lidas por ele, tem com certeza chaves muito singulares. Alguns desses filtros, dessa rede de influências que se interpunha entre Manoel e suas possíveis leituras podem ser por nos observados.

Manoel pode ser visto como um representante de uma cultura “popular”. Mesmo tendo estudado, o que para a época, década de trinta, já poderia ser considerado um luxo, podemos observar através de sua produção bibliográfica, que sua linguagem ainda carrega fortes traços de uma cultura letrada mais “simplificada”. Como podemos ver em sua biografia¹⁹ seu local de nascimento é um bairro simples do subúrbio carioca e suas lembranças da infância, nos terreiros de Candomblé, também nos remetem a um mundo de uma cultura oral. Assim, seu contato com a cultura “dominante”, letrada, carrega um alto teor da cultura oral.

A principio podemos observar, através de sua biografia, o forte caráter que está presente no substrato cultural da maioria dos brasileiros, a influência Católica. Como nos estudos de Sandra J. Stoll²⁰ podemos perceber ao estudarmos a Cultura Racional os enormes traços da tradição Católica que influenciavam e persistiam em Manoel. Seja pelas suas descrições sobre seu nascimento, que mais parecem uma “pirataria” da Bíblia, ou seja, pela sua forte crença em um único “deus”, o Racional Superior, fica impossível compreendermos a peculiar cosmogonia de Manoel sem nos atermos ao fato de que o mesmo, possivelmente inconscientemente, estava envolto por toda a carga da tradição Católica que carregamos até hoje no Brasil.

A relativização das crenças e instituições que ocorreu na época da criação da Cultura Racional também é um filtro importante das leituras de Manoel. Primeiramente podemos ver, como já afirmamos, que todo o campo religioso mediúnico passava por transformações. Os traços mais marcantes da influência afro nas religiões mediúnicas foram, devido ao contexto, sendo paulatinamente “apagados”. Muitas coisas estavam mudando ao mesmo tempo nas filiações mediúnicas. No entanto não foram só as crenças e instituições que mudaram naquela época. Não podemos deixar de citar como formadoras da rede de interpretação de Manoel as mudanças no contexto político e econômico, mundial e brasileiro. Afinal, com certeza, o período entre Guerras, a Crise de 1929 e a implantação do governo Vargas relativizaram não só a visão de Manoel, mas da maioria dos seres humanos.

¹⁸ Ibidem

¹⁹ ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. 1º ed, Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988, Belford Roxo, RJ.

²⁰ STOLL, Sandra J. **Espiritismo à brasileira**.

Seu emprego, funcionário público no Itamaraty, também pode demonstrar uma possível chave de suas leituras e influências. Como um moleiro na época de Menocchio, um funcionário público no Brasil da década de trinta também tinha uma posição social particular²¹. Sua condição de funcionário público o diferenciava da massa anônima. Elevando-o a uma condição privilegiada, seja pela sua tranqüila condição financeira, ou seja, pelo enorme leque de contatos no dia-a-dia. Assim suas relações com ambientes “cultos” e mais “elevados” eram muito mais constantes.

Em sua biografia Manoel não cansa de relatar a seu biografo os inúmeros encontros com personalidades da política e da música. Os “contatos” de Manoel iam desde Vargas até Cartola. Esses contatos, se realmente existiam, eram sim propulsores das deformações nas leituras de Manoel. Se eles não existiram ainda não deixam de nos revelar fortes traços de sua personalidade, portanto prováveis balizadores de suas leituras.

O “contato” com músicos famosos como Cartola e Pixinguinha nos revelam uma outra parte da malha da rede de interpretações de Manoel. Sua vida boemia é ressaltada em sua biografia de forma extremamente contundente. Ativo participante da vida noturna da Lapa dos anos trinta, Manoel, segundo sua biografia, antes fundar a Cultura Racional, passava suas noites a beber e tocar nas estreitas ruas do famoso bairro carioca. Fato esse que com certeza influenciou muito o modo como Manoel leu o que leu.

A própria urbanização do Rio de Janeiro, que tanto contribuiu para o processo de “racionalização” das religiões mediúnicas, é um fator de extrema importância na compreensão do modo de ler de Manoel. Isso, pois a cidade na década de trinta era um lugar de encontros e relações sociais muito mais freqüentes que nas décadas anteriores. Pois como podemos observar as relações nos centros urbanos, como no caso do Rio de Janeiro que estava se transformando em um na época, são muito menos estáticas e fechadas que nos meios não urbanizados. Essa nova velocidade das relações para com o mundo e as pessoas contribuiu certamente para formar o modo de leitura de Manoel.

²¹ GINZBURG, Op. Cit, p. 193

Breve Reflexão

Manoel é uma pessoa que vem das camadas “subalternas” da sociedade e em um contexto propício faz um *mix* entre sua biografia e suas influências e cria a Cultura Racional. Sua criação tão singular não pode só ser vista como uma reprodução dos conhecimentos de uma cultura “dominante”, no caso a dos produtores de sentido do campo religioso. Nesse sentido é lógico que não podemos pensar que Manoel simplesmente absorveu a cultura “dominante”. A cultura das classes “subalternas” cria-se sozinha muitas vezes. Nem sempre as influências vem de “cima” para “baixo”. Assim, por mais que certamente, apesar de não nos interessar quais, Manoel tenha lido várias obras que o influenciaram, ele só criou a Cultura Racional do modo como ela é, pois adulterou e recriou as coisas que leu com suas chaves, filtros, redes de sua leitura. Ou seja, inúmeras outras coisas da vida de Manoel que catalisaram suas influências. Dessa forma podemos afirmar que, o que para muitos é uma insanidade ou um erro de compreensão, não é nada mais que um outro modo de compreensão. Modo esse, que apesar de suas leituras, advém explicitamente de suas influências da cultura oral, bem como de todas as intervenções sofridas por Manoel e que mudaram a dinâmica de suas leituras.